

O PAI PARA FREUD : REFLEXÕES SOBRE O PAI DA HORDA E A MORTE DO REI LUÍS XVI

FATHER TO FREUD: REFLECTIONS ON THE FATHER OF THE HORDE AND DEATH OF KING LOUIS XVI

SOUZA, G.C.S.; OLIVEIRA.F.S

RESUMO

Em psicanálise a função paterna está atrelada a representação e transmissão da lei, Freud em Totem e Tabu ([1913 - 1914] 1996) coloca o mito do pai no centro de sua teoria. O pai de Totem e Tabu é o pai poderoso e tirano, alvo de inveja e por isso acaba sendo assassinado pelos próprios filhos. O rei Luís XVI também acaba sendo morto por seu povo devido a sua tirania e absolutismo. Este trabalho tem como objetivo ressaltar a função paterna na visão freudiana, fazendo uma reflexão sobre o assassinato do pai da horda primitiva e o assassinato do rei Luís XVI.

Palavras-chave: Função Paterna. Assassinato. Freud.

ABSTRACT

In psychoanalysis the paternal function is linked to the representation and transmission of the law, Freud in Totem and Taboo ([1913-1914] 1996) puts the myth of the father at the center of his theory. The father of Totem and Taboo is powerful and tyrannical, the envy father and so ends up being murdered by his own sons. The King Louis XVI also ends up being killed by his people due to his tyranny and absolutism. This paper aims to highlight the paternal function in the Freudian view, making a reflection on the murder of the father of the primal horde, and the killing of King Louis XVI.

Keywords: Paternal Function. Murder. Freud.

INTRODUÇÃO

Para a psicanálise freudiana a função paterna é uma função simbólica que está relacionada ao fato do pai ser responsável pela interdição entre mãe e bebê e a transmissão da lei. Sendo assim o pai seria aquele que regula as relações e as interdita, seria ele um organizador das relações.

Neste sentido Freud utiliza o mito da horda primitiva para exemplificar a origem da civilização, onde irmãos motivados pela inveja que sentem do pai todo poderoso se unem para matar o mesmo, a fim de ocupar seu lugar, porém após sua morte sentem-se perdidos e culpados. O mesmo ocorre na Revolução Francesa com o rei Luís XVI, devido a sua tirania e absolutismo passa a ser odiado por seu povo que acaba encomendando sua morte, porém após sua morte, o caos se instala, o povo completamente perdido iniciam uma grande guerra onde muitos são mortos.

Tal comparação entre o pai da horda e o rei é relevante pois os dois apresentam características semelhantes em seu modo de liderar, colocando seu

poder acima de tudo e de todos, por isso acabam sendo alvo de inveja e hostilidade por parte dos seus.

O que se pode perceber em ambos os casos, é que tanto o pai da horda como o rei Luís XVI são alvos de uma ambivalência de sentimentos, ao mesmo tempo que são odiados são também admirados, por isso a culpa e confusão dos filhos e do povo após a morte de seus líderes. É a partir da falta, que os filhos e povo passam a entender que mesmo liderando com tirania, o pai e o rei conseguiam estabelecer e manter uma ordem social.

Este trabalho tem como objetivo elucidar a função paterna na visão freudiana através do mito da horda primitiva e trazer uma reflexão sobre o assassinato do pai da horda e a morte do rei Luís XVI.

DESENVOLVIMENTO

REFERENCIAL TEÓRICO

O Pai para Freud

Desde os primeiros escritos de Freud o pai tem papel essencial na estruturação psíquica do sujeito, porém, é importante destacar que para a psicanálise o pai tem uma função simbólica, e que não há necessidade de ser um pai real (presente fisicamente), mas sim uma entidade simbólica, que possui uma representação da lei, a autoridade diante da relação entre mãe e filho, age como mediador dessa relação de desejo entre eles, proíbe o incesto e exerce um papel de terceiro, que interdita essa relação. É ele o representante do pai simbólico que precisa também ser introjetado como objeto de falta e desejado pela mãe, levando a mesma a direcionar seu desejo para outras coisas que não seja o filho. (EMIDIO, 2010).

Para compreender melhor o pai e seu papel na teoria psicanalítica, retornemos ao pai de Totem e Tabu onde Freud ([1913 - 1914] 1996) coloca o mito do pai no centro de sua teoria. Neste livro, Freud ressalta que as informações que temos sobre os povos primitivos nos são transmitidas através de lendas, mitos, contos de fadas, etc., com isso muitas maneiras e costumes desses povos ainda influenciam nossas vidas, diante disso, Freud (Ibidem, p. 6) pontua: "há homens vivendo em nossa época que, acreditamos, estão muito próximos do homem

primitivo, muito mais do que nós, e a quem, portanto, consideramos como seus herdeiros e representantes diretos". Freud acreditava que existem inúmeros pontos de concordâncias entre a psicologia das sociedades primitivas e a psicanálise, para tal comparação, escolhe como base para explicação um estudo de um material pesquisado sobre certa tribo australiana de aborígenes, descrita por antropólogos como sendo a mais miserável, atrasada e selvagem.

Os aborígenes australianos são considerados uma raça distinta, sem apresentar relação física nem linguística com seus vizinhos mais próximos, os povos melanésio, polinésio e malaio. Eles não constroem casas, nem abrigos permanentes; não cultivam o solo; não criam animais domésticos, a exceção do cão; não conhecem nem mesmo a arte da cerâmica. Vivem inteiramente da carne dos animais que caçam e das raízes que arrancam. Reis e chefes são desconhecidos entre eles; os assuntos comuns são decididos por um conselho de anciões. É altamente duvidoso que se lhes possa atribuir qualquer religião moldada na adoração de seres superiores. As tribos do interior do continente, que têm de lutar contra condições de existência mais árduas em virtude da escassez de água, parecem ser, sob todos os aspectos, mais primitivas do que as que vivem perto da costa. (FREUD [1913-1914] 1996, p. 7).

Diante de tais condições de vida não era de se esperar de tal povo quaisquer resquícios de moralidade ou restrição em sua vida sexual; todavia ao levantar apontamentos sobre as organizações dessa população, Freud verificou que tal população estabelece a si próprio com o maior rigor o propósito de evitar relações sexuais incestuosas. Para a garantia de tal propósito, na falta de instituições religiosas ou sociais, há existência de uma estrutura que fundamenta as relações entre os membros dessa população - o sistema totêmico, neste sistema os integrantes se subdividem em pequenos grupos nomeados clãs, que por sua vez, se organizam mediante seu totem. Segundo Freud (Ibidem, p. 7), totem, "via de regra é um animal (comestível e inofensivo, ou perigoso e temido) e mais raramente um vegetal ou um fenômeno natural (como a chuva ou a água), que mantém relação peculiar com todo o clã". O totem para o clã seria um espécie de seres ou coisas considerado sagrado, pode ser representado por um animal, vegetal ou escultura.

No Dicionário de Língua Portuguesa de Santos (2001, p. 646) totem tem a seguinte definição: "objeto ou animal a que certos grupos primitivos dedicam veneração". Já no Glossário de Antropologia de Pellón (s/d, p. 9) totem é definido: "animal ou planta associado a um grupo comum de descendência, mesmo local ou

ancestral comum. É comumente encontrado como objeto sagrado de veneração e de ritualização".

Os integrantes de um clã tem com seu totem a obrigação de não matá-lo e não comer de sua carne ou tirar proveito dela. Diante de todas essas características do sistema totêmico, a que mais chamou atenção da psicanálise foi a presença da "exogamia" uma instituição relacionada ao totem, onde em todos os lugares em que eram encontrados totens, encontrava-se também uma lei contra a relação sexual e o casamento entre pessoas de um mesmo totem. Freud ([1913 - 1914] 1996, p. 9) complementa: "todos os que descendem do mesmo totem são parentes consanguíneos. Formam uma família única e, dentro dela, mesmo o mais distante grau de parentesco é encarado como impedimento absoluto para as relações sexuais". Qualquer violação as regras do totemismo, como a proibição do incesto ou violação ao totem era motivo de severa punição ou vingança por parte de todo clã.

Na Austrália, a penalidade comum para as relações sexuais com uma pessoa de um clã proibido é a morte. Não importa se a mulher é do mesmo grupo local ou foi capturada de outra tribo, durante a guerra; o homem do clã impróprio que a usar como esposa é perseguido e morto por seus irmãos de clã, assim como a mulher; embora, em alguns casos, se os transgressores conseguem evitar a captura por um certo tempo, a ofensa possa ser perdoada. Na tribo Ta-ta-thi, da Nova Gales do Sul, nos raros casos em que ocorre, o homem é morto, mas a mulher é apenas espancada ou perfurada por lanças, ou ambas as coisas, até ficar quase morta; sendo a razão alegada para não chegar a matá-la o fato de, provavelmente, ter sido coagida. Mesmo em namoros ocasionais, as proibições do clã são estritamente observadas; todas as suas violações "são encaradas com a maior repulsa e punidas com a morte. (CAMERON, 1885 apud FREUD [1913-1914] 1996, p.8)

Feita as considerações sobre o totem, prosseguiremos nossa reflexão fazendo algumas exposições sobre o tabu. Santos (2001) no Dicionário da Língua Portuguesa define tabu como instituição que atribui a uma pessoa ou objeto caráter sagrado, interditando qualquer contato com ele.

O significado de tabu para nós ocidentais possui sentidos contrários, podendo o termo representar sagrado/consagrado ou misterioso/proibido/impuro. Segundo Freud ([1913 - 1914] 1996) o tabu traz a ideia de algo que não pode ser abordado, que traz consigo proibições e restrições. O tabu possui origem desconhecida sem fundamento, mesmo não compreendidos são aceitos naturalmente, não se baseiam em nenhuma ordem divina, por isso são diferentes das proibições morais e religiosas. O tabu remete-nos a ideia de cuidado e proteção contra possíveis

ameaças ou situações de perigo, portanto, a violação de um tabu era motivo de castigo, punição, neste caso, o próprio tabu que foi violado se vingava, sendo que a violação do tabu transforma o próprio infrator em tabu. Sobre isto, Freud (Ibidem, p. 19) pontua: "a fonte do tabu é atribuída a um poder mágico peculiar que é inerente a pessoas e espíritos e pode ser por eles transmitido por intermédio de objetos inanimados. Pessoas ou coisas consideradas como tabu podem ser comparadas a objetos carregados de eletricidade".

Para compreender melhor a origem do totem, Freud utiliza as ideias de Frazer na qual o mesmo divide os totens em três espécies, sendo a primeira espécie a que mais interessa para o presente trabalho. Esta primeira espécie é denominada o "totem do clã", onde o totem é comum a todo clã, passado por herança de geração a geração.

O totem do clã é reverenciado por uma corporação de homens e mulheres que se chamam a si próprios pelo nome do totem, acreditam possuírem um só sangue, descendentes que são de um ancestral comum, e estão ligados por obrigações mútuas e comuns e por uma fé comum no totem. O totemismo, assim, constitui tanto uma religião como um sistema social. Em seu aspecto religioso, consiste nas relações de respeito e proteção mútua entre um homem e o seu totem. No seu aspecto social, consiste nas relações dos integrantes do clã uns com os outros e com os homens de outros clãs. (FREUD, [1913 - 1914] 1996, p. 77).

Após muitos estudos, a psicanálise revela que o animal totêmico é um substituto do pai, no mito da horda primeva pôde-se observar um espetáculo, onde todo um clã consciente de estarem realizando um ato proibido, celebra a morte cruel de seu animal totêmico, neste cerimonial onde procuram ao máximo identificar-se com totem, imitando seus gestos e sons o devoram cru, em carne, osso e sangue; porém após a matança entram em um luto obrigatório a todo clã, onde todos sem exceção lamentam e choram a morte de seu totem. Todavia, o luto é seguido de alegria e motivo de festejo, diante desta contradição Freud faz a pertinente interrogação: "se os membros do clã se alegram pela morte do totem - ato normalmente proibido - por que o pranteiam também? (FREUD, Ibidem, p. 101). Segundo as considerações do autor, o clã acredita que consumindo a carne de seu "deus", identificam-se com o mesmo e adquirem sua santidade.

O pai de Totem e Tabu é o pai poderoso, déspota, tirano que possui todas as mulheres e expulsa todos seus filhos a medida que crescem. Por conta disso, este pai é alvo da hostilidade e ambivalência dos filhos que invejam seus predicados e o

fato dele possuir todas as mulheres, por isso, certo dia, todos os irmãos que foram expulsos pelo pai, retornam juntos e acabam assassinando e devorando o corpo do pai, a fim de apropriar-se de seus atributos e assumir seu lugar e pôr um fim a horda patriarcal (FREUD, *Ibidem*, p. 102). Após o assassinato os filhos descobrem que além do ódio também existe amor, e este sentimento de amor é transformado em culpa e a palavra do pai se transforma em lei simbólica.

Odiavam o pai, que representava um obstáculo tão formidável ao seu anseio de poder e aos desejos sexuais; mas amavam-no e admiravam-no também. Após terem-se livrado dele, satisfeito o ódio e posto em prática os desejos de identificarem-se com ele, a afeição que todo esse tempo tinha sido recalcada estava fadada a fazer-se sentir e assim o fez sob a forma de remorso. Um sentimento de culpa surgiu, o qual, nesse caso, coincidia com o remorso sentido por todo o grupo. O pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo. (FREUD, *Ibidem*, p. 102).

Segundo Maranhão (2005) o clima da horda é um lugar onde impera a lei do mais forte, o pai reina soberano e não há vínculos afetivos ou qualquer tipo de laço social. Em um primeiro momento, ainda não está estabelecido um laço social, pois no complô feitos pelo irmãos, que planejam unidos assassinar o pai, há um misto de ódio, medo e admiração.

Birman (2010) entende a leitura de Freud sobre o mito das origens, retirada da biologia evolucionista de Darwin, a partir da ideia de ter existido na história a figura de um homem, um pai onipotente que tem para si todas as fêmeas e somente ele tem direito a gozar dessas mulheres, este homem acaba matando seus filhos ao perceber que estes desejam compartilhar os mesmos objetos de gozo pertencentes a ele. Neste contexto percebe-se que o pai nega aos filhos qualquer experiência de gozo. Para o autor a figura paterna era onipotente do ponto de vista da força, os filhos não podiam se rebelar contra o pai pois temiam serem destruídos no caso de duelo isolado, um contra o outro, diante disso havia por parte dos filhos total submissão ao pai. Entretanto, em um dado momento, os filhos percebem que unindo suas forças poderiam enfrentar o pai e até mesmo destruí-lo definitivamente. É a partir disso, que os filhos unidos, traçam um plano e acabam matando o pai originário através a junção de suas frágeis forças.

Após a morte do pai cai sobre os irmãos a culpa e assim surge entre eles o pacto de que ninguém mais poderá ocupar o lugar do pai, sendo que quem ousasse a quebrar este pacto seria digno de morte; diante disso o autor ressaltar que

estabeleceu-se entre os irmãos uma associação fundada na igualdade de condições, sendo que nenhum deles poderia ter privilégios uns sobre os outros, isso fez com que fosse abolido a hierarquia existente nos tempos do pai originário, onde a onipotência do mesmo era baseada em sua força; neste contexto a culpa serviu como a mediadora da onipotência presente em cada um dos irmãos, diante disso Birman (2010, p. 12) observa: "pode-se dizer que o discurso freudiano realizou aqui a leitura mítica da constituição da sociedade e da democracia moderna, nas quais a onipotência da força foi efetivamente conjurada pela associação dos iguais".

É a partir da morte do pai que se instaura o retorno da ordem, o estabelecimento de um contrato social, a renúncia dos filhos pelo gozo da mãe e conseqüentemente a proibição do incesto como forma reguladora das relações e a figura do pai como simbólica. É exatamente após a morte do pai que surge um estranhamento por parte dos irmãos, que passam a sentir falta da ordem imposta pelo pai, sensação de vazio e necessidade por uma nova ordem. A morte do pai acaba sendo sentida pelos irmão como um erro, pois não foi a solução de seus problemas, pelo contrário, gerou problema ainda maior, pois a partir da morte daquele que detinha todo poder, seu lugar de chefe da horda fica disponível a qualquer um que queira ocupá-lo. Diante disso, com o intuito de evitar uma guerra, os irmãos decidem renunciar ao poder e se reconhecem em pé de igualdade. (MARANHÃO, 2005, p. 2).

Percebe-se que em muitas histórias envolvendo a figura do pai, sua morte é necessária para o estabelecimento de uma ordem simbólica, diante disso chega-se a conclusão que, o homem só aparece como pai a partir do momento em que morre como homem, o pai morto edifica-se e transforma-se em Pai simbólico que é o fundamento da função paterna. É necessário que o homem prove possuir algo que é alvo de inveja e admiração e, assim, enquanto homem real que é odiado e amado ao mesmo tempo ser condenado à morte para ser aceito como pai e assegurar a lei. (EMIDIO; HASHIMOTO, 2012).

Após realizadas tais considerações podemos perceber que a teoria freudiana a respeito do pai envolve principalmente o assassinato do pai de Totem e Tabu, em que o pai precisou ser morto para que sua lei fosse instaurada.

Revolução Francesa e a morte do Rei Luís XVI

Pode-se observar que o pai da horda se assemelha em muitos aspectos com o pai da época medieval, o pai hostil, tirano, pois coloca o seu poder acima de tudo e de todos. Quinodoz (2004) coloca este pai como o líder do grupo que se assemelha com o pai originário temido, que domina seus filhos. Entretanto, há uma inversão de autoridade com o assassinato deste pai tirano em outra época, estabelecendo um novo modelo de sociedade com novas leis e ordem. Fica claro que este marco ocorre com a Revolução Francesa (1793-1815), onde o grande patriarca exercido pela figura do rei e, principalmente, grande representante do poder divino fora decapitado pelo seu povo (filhos). Com isto o modelo de sociedade feudal fora substituído por um modelo de sociedade onde seus filhos detém uma autoridade "igualitária", defendida pelo lema "Igualdade, liberdade e fraternidade".

Porém, como foi visto, os filhos, após a morte do pai, sentem-se perdidos, pois não possuem o mesmo espírito de liderança do pai e temem assumir o lugar deixado pelo mesmo, instala-se entre eles o vazio pela falta de liderança e autoridade vindas do pai, do mesmo modo, o assassinato do rei na Revolução Francesa inicia um período de descontrole social, período este conhecido como "Período do Terror".

Para compreendermos melhor tal comparação entre o pai da horda e o assassinato do rei, faremos um breve estudo sobre a Revolução Francesa utilizando como base o texto de Michel Vovelle (2007).

Inicialmente o autor define basicamente uma revolução como sendo a revolta dos oprimidos contra seus opressores, sendo que uma revolução tem o poder de mudar o curso da história de um país.

César (2010) aponta que a Revolução Francesa é considerada uma Revolução burguesa que põe fim ao Antigo Regime, transformando suas estruturas sociais levando a burguesia ao poder, segundo o autor tal revolução destitui com o poder da nobreza e da monarquia representada pelo rei.

A Revolução Francesa se passa em 1789, em um cenário onde o povo se encontra insatisfeito com a situação econômica do país e pelo absolutismo do rei Luís XVI, para compreendê-la melhor é necessário entender como tudo começou. Antes da revolução, vivia-se em um "Antigo Regime", assim denominado pelos revolucionários, onde havia um sistema monarca, reinado por Luís XVI e sua esposa Maria Antonieta. (VOVELLE, 2007).

O Antigo Regime era dividido em três estados, o clero, a nobreza e o restante da sociedade que era composta por artesões, camponeses e a burguesia, sendo que estes eram os únicos responsáveis pelo pagamento dos impostos. (CÉSAR, 2010)

Segundo Vovelle (2007) o rei Luís XVI não era uma pessoa má e possuía boas intenções, porém falhou em não conseguir manter seus ministros competentes e nem defender suas propostas de reforma. A revolução ocorre em um momento onde nem tudo corria bem no reino da França, por exemplo a escassez do trigo, grão necessário para se fazer o pão, alimento básico na mesa de toda família francesa, bastava uma colheita ruim para que o preço disparasse, a miséria surgisse e juntamente com ela, a revolta popular.

Apesar do crescimento da economia francesa no século XVIII, a França enfrentou uma terrível seca no campo gerando a escassez de alimentos e alastrando a fome pelo país. Sem alternativa, parte da população rural migrou para as cidades em busca de trabalho, onde encontraram péssimas condições de vida tornando-se cada vez mais miseráveis.(CÉSAR, 2010 p. 46).

Porém, além da escassez e conseqüentemente a revolta do povo, haviam coisas mais visíveis, o rei Luís XVI, segundo César (2010, p. 21) "era um monarca absoluto: consagrado na catedral de Reims, era o escolhido de Deus. Diante do povo, o rei era a encarnação do próprio Deus e da lei, por isso todos deviam obedecer suas vontades, a Igreja Católica também estava associada ao seu poder".

César (2010) ressalta que o campo político-econômico da França também estava em crise, devido as guerras pelas quais a França tinha se envolvido e pelo gastos extravagantes da corte, diante de tal crise financeira o rei Luis XVI tenta implantar uma reforma tributária na qual determina que Primeiro e Segundo estado também deveriam contribuir com os impostos. Essa tentativa acabou gerando uma crise política, diante disso o rei Luís XVI foi obrigado a convocar os Estados Gerais que era o Conselho consultivo da coroa. Além disso havia uma insatisfação por parte da classe mais pobre excluída e da burguesia que por pagar altos impostos não queriam ficar de fora das decisões políticas da França, isso acabou contribuindo com a eclosão da revolução. Em maio de 1789 houve a convocação dos Estados Gerais onde o terceiro estado barrado em todas suas propostas se declara Assembleia Constituinte exigindo uma constituição para a França. Nesta assembleia estavam presentes os Jacobinos defensores da alta burguesia e da

nobreza e o Girondinos que defendiam os interesses da burguesia francesa. Diante da formação de tal Assembleia o rei se revolta e coloca seu exército de prontidão, a população de Paris a favor da mesma se rebela e promove a Tomada da Bastilha, fortaleza transformada em prisão do Estado.

Segundo Vovelle (2007), a Bastilha era:

[...] lá que o rei prendia sem julgamento aqueles que o contariavam. Escritores, jornalistas (chamados de panfletários), autores de textos proibidos, indivíduos de mau comportamento, também, a pedido da família. Bastava uma carta régia com a ordem de prisão, sem acusação precisa nem processo. Ela se tornara símbolo da arbitrariedade do rei. (VOVELLE, 2007, p. 31).

Após a tomada da Bastilha, os camponeses ocupam as terras dos senhores do clero e da nobreza queimando seus títulos de propriedade o que acaba gerando no Primeiro e Segundo estado o chamado Grande Medo. Em agosto 1789 é elaborada a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, a partir de então é promulgada uma Constituição a qual o rei é obrigado acatar. (CÉSAR, 2010).

Vovelle (2007) aponta que após tal Constituição, Luís XVI continua sendo rei á frente da monarquia, porém deixa de ser soberano absoluto e passa ser apenas rei dos franceses, que lhe confiam esse cargo, o povo então deixa de ser súditos e tornam-se cidadãos. A partir disso o rei tem a obrigação de respeitar a Constituição levando em consideração a vontade do povo.

Do mesmo modo, a Constituição estabelecia a separação dos três poderes e abolia a divisão social. O rei conspirou contra a Revolução, contando com o apoio de outras nações vizinhas - Áustria e da Prússia. Ao descobrir tal acordo, os revolucionários condenam o rei Luis XVI a morte na guilhotina. Sua execução acontece no dia 21 de janeiro de 1793. Em relação a morte do rei, Vovelle (2007) questiona sobre o destino do rei e afirma que pela traição do rei os porta vozes da Montanha disseram que se o rei permanecesse vivo a França estaria ameaçada. O mesmo autor aponta que a morte do rei acabaria tendo sérias consequências. A execução do rei provocou revoltas, levando os jacobinos a criar órgãos para defender a Revolução. Este novo governo implementou reformas moderadas, porém o povo exigia reformas mais efetivas como por exemplo, controlar os preços abusivas dos alimentos. Em maio de 1793, o povo exige a prisão dos girondinos. Inicia-se a fase do Terror, instalando-se a ditadura dos jacobinos. Após esse

episódio, uma "guerra" acontece ocorrendo uma série de execuções. (CÉSAR, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que o povo, assim como os filhos da horda primitiva, ficam perdidos e confusos após a morte de seu rei, que mesmo sendo considerado absolutista, tirânico, era uma referência para o povo, após sua morte muitos que eram aliados começam a travar batalhas entre si e com isso muito sangue é derramado, contudo, após décadas destas batalhas civis, a sociedade francesa encontra um norte com o estabelecimento de novas leis onde até mesmo os opostos se encontraram por um denominador comum de sociedade, mas isto não significa o fim de uma figura paterna, como vimos a morte do pai tirano ocorre a partir do intuito dos filhos de tomarem seu poder, porém após a morte do pai e conseqüentemente com seu lugar ficando vago, aplicam um novo modelo de leis, colocado-se todos em pé de igualdade afim de evitar outro assassinato, nisto, os filhos se precaviam do mesmo destino de seu pai.

Nesta nova sociedade, pelas declarações e constituições ou pelo fim da horda primeva, surge a figura de um novo pai, não mais um tirano, mas um que visa dar os mesmos direitos entre seus irmãos e os membros da sociedade; ainda utilizando a Revolução Francesa, com a morte do pai tirano (o rei), surge um novo modelo de pai(ou autoridade), um novo modelo de sociedade, na França surge a figura de Napoleão Bonaparte que uniu o povo francês com o fim do período do terror, este mesmo pai defendia uma sociedade com outros contextos, defendendo os direitos de seus membros.

Assim como a Revolução Francesa criou uma nova Constituição social, a própria relação familiar se alterou visando um novo modelo de sociedade, onde principalmente o papel do pai ganha novas configurações. Neste sentido, se pai torna uma figura importante dentro da família, com a responsabilidade de transmitir aos filhos as leis desta nova sociedade, garantido assim uma "tranquilidade" social, um movimento que sai da horda ao Estado e, agora, na conservação deste Estado social e democrático.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. Governabilidade, força e sublimação. Freud e a filosofia política. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n. 3, jul-set. 2010.

CÉSAR, Aldilene Marinho. (org.). **História Geral**. Rio de Janeiro: Vetor, 2010.

EMIDIO, Thassia Souza; HASHIMOTO, Francisco. **Reflexões sobre a função paterna e suas configurações no mundo contemporâneo**. Anais V CIPSI - Congresso Internacional de Psicologia. Maringá, 2012.

FREUD, Sigmund. [1913 - 1914]. **Obras completas**: Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Totem e tabu e outros trabalhos, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. [1923 - 1926]. **Obras completas**: Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. O ego e o id e outros trabalhos, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MARANHÃO, Bernardo. Costa Couto de A. O Poderoso Chefão - ou da paternidade como fundamento da lei em "Totem e tabu", de Freud. **Reverso**, v. 27, n. 52. Belo Horizonte, 2005.

PELLÓN, Eloy Gómez. **Introducción a la antropología social y cultural**. Universidad de Cantabria, s/d.

QUINODOZ, Jean Michel. **Ler Freud**: guia de leitura da obra de S. Freud. Trad. de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANTOS, Geraldo Mattos Gomes dos. **Dicionário júnior da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2001.

VOVELLE, Michel. [1933]. **A Revolução Francesa explicada á minha neta**. Trad. de Fernando Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2007.